



# A Santa Sé

---

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA  
NA CAPELA DA DOMUS SANCTAE MARTHAE

*Dos murmúrios ao amor pelo próximo*

*Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 15 de Setembro de 2013*

As tagarelices matam como e mais que as armas. Sobre este conceito o Papa Francisco voltou a falar na manhã de sexta-feira **13 de Setembro**, na missa celebrada na capela de Santa Marta. Comentando as leituras do dia, tiradas da carta a Timóteo (1, 1-2. 12-14) e do Evangelho de Lucas (6, 39-42), o Pontífice realçou que o Senhor — depois de ter proposto, nos últimos dias, atitudes de mansidão, humildade e magnanimidade — «hoje nos fala do contrário», ou seja, de uma «atitude odiosa para com o próximo», a que temos quando nos tornamos «juízes do irmão».

O Papa Francisco recordou o episódio evangélico no qual Jesus repreende quem pretende tirar o argueiro do olho do outro sem ver a trave que está no seu. Este comportamento, o facto de se sentir perfeito e, por conseguinte, capaz de julgar os defeitos dos outros, é contrário à mansidão, à humildade sobre as quais fala o Senhor, «àquela luz que é tão bela e que consiste em perdoar». Jesus, evidenciou o Santo Padre, usa «uma palavra forte: hipócrita». E sublinhou: «Os que vivem julgando o próximo, falando mal do próximo são hipócritas: porque não têm a força, a coragem de ver os próprios defeitos. Sobre esta questão o Senhor não fala muito. Mais tarde dirá: aquele que tem no seu coração o ódio contra o irmão é um homicida. Isto será proferido também pelo apóstolo João, que muito claramente na sua primeira carta afirma: quem odeia o próprio irmão caminha nas trevas. Quem julga o seu irmão é um homicida». Por conseguinte, acrescentou, «todas as vezes que julgamos os irmãos no nosso coração, ou pior, quando falamos mal deles com os outros, somos cristãos homicidas». E isto «não sou eu quem o digo, mas é o Senhor quem o diz», especificou acrescentando que «sobre este ponto não há dúvidas: se falares mal do teu irmão estás a matá-lo. E todas as vezes que fizermos isto, imitaremos o gesto de Caim, o primeiro homicida». O Pontífice concluiu invocando «para nós, para toda a Igreja, a graça

da conversão da criminalidade das maledicências na humildade, na mansidão, na magnanimidade do amor ao próximo».

Não é fácil para os cristãos viver segundo os princípios e as virtudes inspirados por Jesus. «Não é fácil — disse o Papa na missa celebrada na manhã de **12 de Setembro** em Santa Marta — mas é possível»: basta «contemplar Jesus sofredor, a humanidade sofredora» e levar «uma vida escondida com Jesus em Deus».

A reflexão do Santo Padre foi inspirada pela celebração da memória litúrgica do nome de Maria. «Outrora, esta festa chamava-se o doce nome de Maria e hoje na oração pedimos a graça de sentir a força e a doçura de Maria. Precisamos da sua doçura para entender o que Jesus nos pede.

«O apóstolo Paulo insiste sobre este tema: “Irmãos, escolhidos por Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de ternura, bondade, humildade, mansidão e magnanimidade, suportando-vos e perdoando-vos uns aos outros” (Cl 3, 12-17)». Sem dúvida, observou o Pontífice, pede-se-nos muito e por isso a primeira pergunta é: «Como posso fazer isto?». Para o Papa, a resposta é clara: «Com o nosso esforço não podemos fazê-lo. Só uma graça pode fazê-lo em nós. O nosso esforço é necessário, mas insuficiente».

«Nestes dias, Paulo falou-nos muitas vezes de Jesus como totalidade e esperança do cristão, porque é o esposo da Igreja e infunde esperança para ir em frente, como vencedor sobre o pecado e a morte». A este propósito, o apóstolo ensina-nos algo: «Irmãos, se ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde está Cristo triunfador; Ele está à direita de Deus. Dirigi o pensamento para as coisas do alto... Com efeito, estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus».

Eis «o caminho para fazer o que o Senhor nos pede: esconder a nossa vida com Cristo em Deus». E isto deve renovar-se em cada atitude diária. Mansidão, bondade, ternura e magnanimidade são as virtudes necessárias para seguir o caminho indicado por Cristo. Recebê-las é «uma graça que brota da contemplação de Jesus».

«Só contemplando a humanidade sofredora de Jesus, podemos ser mansos como Ele. Não há outro caminho». Portanto, para ser cristão é necessário contemplar sempre a humanidade de Jesus, o homem que sofre.

Hoje, no mundo, há «muitos cristãos sem a ressurreição». A eles o Papa Francisco, durante a missa celebrada na manhã de **10 de Setembro**, em Santa Marta, dirigiu o convite a encontrar o caminho para ir rumo a Jesus ressuscitado, deixando-se «tocar por Ele, pela sua força», porque Cristo «não é uma ideia espiritual», mas está vivo. E com a sua ressurreição «venceu o mundo».

Ao comentar as leituras da liturgia do dia, o Pontífice recordou alguns trechos da carta aos Colossenses, nos quais São Paulo fala sobre a figura de Jesus, descrito gradualmente como «a totalidade, o centro, a esperança, porque é o esposo». No trecho de hoje (2, 6-15) o apóstolo acrescenta outro fragmento, definindo Cristo «o vencedor», aquele que «venceu a morte, o pecado e o demônio». Portanto, a mensagem paulina inclui um convite a caminhar no Senhor ressuscitado, bem enraizado e edificado nele, na sua vitória, firme na fé. Em particular, o Pontífice referiu-se àqueles «cristãos sem Cristo ressuscitado», os que «acompanham Jesus até ao túmulo, choram, amam-no tanto», mas não são capazes de ir além. E a este propósito, identificou três categorias: os temerosos, os vergonhosos e os triunfalistas.

Os primeiros, explicou, «são os da manhã da ressurreição, os de Emaús que fugiram, porque tinham medo»; são «os apóstolos que se fecharam no Cenáculo por medo dos judeus»; são também «as mulheres boas que choram», como Madalena em lágrimas «porque levaram embora o corpo do Senhor».

A segunda categoria é a dos «vergonhosos, para os quais confessar que Cristo ressuscitou suscita um pouco de vergonha neste mundo tão avançado nas ciências».

Por fim, o terceiro grupo é o dos cristãos que no íntimo «não acreditam no ressuscitado e querem fazer própria uma ressurreição mais majestosa que a de Jesus». O Pontífice definiu-os «triumfalistas», porque «têm um complexo de inferioridade» e adoptam «atitudes triunfalistas na sua vida, nos seus discursos, na sua pastoral e na liturgia».

Segundo o Papa Francisco, é necessário recuperar a consciência de que Jesus ressuscitou. E, por conseguinte, os cristãos são chamados «sem temor, sem medo e sem triunfalismo» a olhar «para a sua beleza», a pôr o dedo nas chagas e a mão no lado do ressuscitado, daquele «Cristo que é tudo, a totalidade; Cristo é o centro, Cristo é a esperança», porque é o esposo, é o vencedor. E «um vencedor — acrescentou — restabelece toda a criação».

Referindo-se ao trecho do Evangelho de Lucas (6, 12-19), o Santo Padre evocou de novo a imagem de Jesus entre a multidão de homens e mulheres que acorreram para «o ouvir e ser curados das suas doenças. Nisto o Papa Francisco vê a promessa da vitória final de Cristo, o qual «cura todo o universo», é «a sua ressurreição». Eis porque, foi a conclusão, é necessário redescobrir a beleza de ir rumo ao ressuscitado, deixando-se tocar por Ele, pela sua força.

Como é triste quando um sacerdote perde a esperança! Por isso, na missa celebrada na manhã de **9 de Setembro** em Santa Marta, o Papa Francisco dirigiu aos sacerdotes presentes o convite a cultivar esta virtude, «que para os cristãos tem o nome de Jesus». E o povo de Deus tem necessidade de que nós, sacerdotes, demos esta esperança em Jesus, que renova tudo: em cada Eucaristia renova a criação, em cada gesto de caridade renova o seu amor em nós».

O Pontífice falou da esperança inspirando-se na reflexão hodierna e dos dias precedentes, nas quais Jesus foi proposto como totalidade, centro da vida do cristão, único esposo da Igreja. O Pontífice meditou sobre o conteúdo da Carta de São Paulo aos Colossenses (1, 24-2, 3): Jesus «mistério escondido, Deus». O mistério de Deus que «se manifestou em Jesus, nossa esperança: é o tudo, o centro e também a nossa esperança». O optimismo, explicou, é uma atitude humana que depende de muitas coisas, mas a esperança é diversa: «é um dom, uma dádiva do Espírito Santo e por isso Paulo dirá que ela nunca engana».

O Papa indicou uma confirmação deste conceito no Evangelho de Lucas (6, 6-11), na referência ao tema da liberdade. A «liberdade e esperança caminham juntas: onde não há esperança, não pode haver liberdade». Jesus «não é um curandeiro, mas um homem que recria a existência. E isto dá-nos esperança, porque Jesus veio precisamente para este grande milagre, para recriar tudo». Portanto, acrescentou, «a grande maravilha é a reforma de Jesus. E isto dá-nos esperança: Jesus recria tudo». E quando «nos unimos a Jesus na sua paixão renovamos o mundo».